



B1

ISSN: 2595-1661

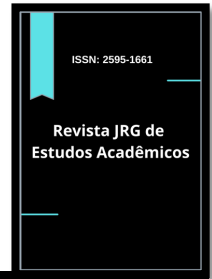
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



A participação de mulheres como técnicas em equipes de futsal no Paraná

The participation of women as coaches in futsal teams in Paraná

DOI: 10.55892/jrg.v7i13.901

ARK: 57118/JRG.v7i13.901

Recebido: 02/12/2023 | Aceito: 19/01/2024 | Publicado on-line: 21/01/2024

Rafael Gemin Vidal¹

<https://orcid.org/0000-0002-5173-1095>

<http://lattes.cnpq.br/6058590769924611>

Ugv Centro Universitário, PR, Brasil

E-mail: rafaelgemin@hotmail.com

Alessandra Fátima Cezne²

<https://orcid.org/0000-0001-8069-0766>

<http://lattes.cnpq.br/6002100258798572>

Universidade Federal do Paraná, PR, Brasil

E-mail: alecezn@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente estudo foi elucidar em que termos acontece a inclusão de mulheres como treinadoras de equipes profissionais de futsal no Paraná. Para tanto, foram entrevistadas as cinco mulheres registradas como treinadoras na chave ouro do campeonato paranaense, com 38 ± 8 anos de idade, com 18 ± 6 anos de profissão, tendo suas respostas organizadas de acordo com a teoria da análise de conteúdo de Bardin (1977). No que diz respeito à inserção no esporte, nota-se que se dá através dos círculos sociais compostos de família e amigos primeiramente como expectadoras, passando para atletas e posteriormente para treinadoras. Esta última posição se dá primeiramente através da formação acadêmica, onde já acontecem as primeiras experiências com a gestão esportiva, não necessariamente na modalidade, mas, que as mesmas utilizam de iniciação para a prática laboral, transferindo essa seara de conhecimentos e vivências para a gestão em seus clubes e participação em competições, absorvendo os demais personagens (gestores, atletas, torcida, árbitros e adversários) neste ínterim, onde as mesmas relatam ainda haver muito preconceito, ainda que velado, mas, que transpor essa barreira é apenas mais uma motivação para trabalhar. Em suma, é possível concluir que o espaço da mulher no futsal vem sendo galgado em diversas frentes, e para que haja ampliação no número de treinadoras, é necessário expandir o acesso e conseqüentemente, a quantidade de praticantes na modalidade.

Palavras-chave: Futsal. Treinadora esportiva. Técnica Esportiva. Mulher.

¹ Graduado em Educação Física pela Ugv Centro Universitário. Especialista em fisiologia do exercício pela Funip. Mestre em desenvolvimento e sociedade pela Uniarp.

² Graduada em Educação Física pela Ugv Centro Universitário. Mestranda em Educação Física pela UFPR.

Abstract

The objective of the present study was to elucidate the terms under which women are included as coaches of professional futsal teams of Paraná. To this end, five women registered as coaches in the gold key of the Paraná championship were interviewed, aged 38 ± 8 years, with 18 ± 6 years of profession, with their responses organized according to Bardin's content analysis theory (1977). With regard to insertion in sport, it is noted that it occurs through social circles made up of family and friends, first as spectators, moving on to athletes and later to coaches. This last position occurs primarily through academic training, where the first experiences with sports management already take place, not necessarily in the modality, but which they use as an initiation into work practice, transferring this field of knowledge and experiences to management. in their clubs and participation in competitions, absorbing other characters (managers, athletes, fans, referees and opponents) in the meantime, where they report that there is still a lot of prejudice, even if veiled, but that overcoming this barrier is just another motivation to work. In short, it is possible to conclude that the space for women in futsal has been expanded on several fronts, and for there to be an increase in the number of coaches, it is necessary to expand access and consequently, the number of practitioners in the sport, thus building a network of women who practice, understand.

Keywords: *Futsal. Sports Coach. Woman.*

1. Introdução

O trabalho remete à participação social do indivíduo, onde, por muitas vezes, a prática laboral assume inclusive a identidade e posição hierárquica na sociedade e, por consequência, a indica o *status quo* de cada cidadão. A inserção da mulher no mercado de trabalho significou um prolongamento das estruturas hierárquicas, sendo destinado às mulheres os trabalhos de menor prestígio e, por conseguinte, a diminuta representação nas posições de poder (BOURDIEU, 2017). Nesse sentido, Novais (2021) expõe que o futebol hoje é um ambiente laboral protagonizado por homens, onde, as mulheres vêm explicitando potencial para transpor barreiras impostas à inserção em cargos de liderança.

Assim, é possível identificar que o esporte é um fenômeno sociocultural em contínuo processo de transformação, sua prática pode ser realizada em diferentes contextos atribuindo diferentes objetivos e sentidos aos seus praticantes (MARQUES, 2015). Ou seja, corroborando com Wolf (2017), mulheres deveriam ficar fora do seu âmbito, sendo assim, a inserção, seja como jogadoras, treinadoras, dirigentes ou torcedoras, causaria certo desequilíbrio a essa “ordem”, e, segundo a autora, isso é o precursor do preconceito contra as mulheres no futebol.

Esse ingresso está relacionado a uma mudança mais ampla dos hábitos de lazer da população a partir de uma crescente urbanização, processo que influenciou na potencialização da circulação na cidade e na multiplicação das opções públicas de divertimento (FERREIRA *et al.*, 2017). Uma dessas barreiras foi representada pela proibição legal imposta pelo decreto-lei nº 3.199 de 1941, que tinha por objetivo normatizar as práticas esportivas realizadas por mulheres. O conteúdo da lei previa proibir a prática de modalidades esportivas que se contrapunham à “natureza” feminina, como por exemplo: o futebol, futsal, rúgbi, entre outras (SALVINI; MARCHI JR., 2016). Para Ferreira *et al.* (2017) mesmo que o decreto se limitasse a prática e, consequentemente não impusesse quaisquer restrições na participação de mulheres

em outras funções esportivas, contribuiu com a ratificação da ideia de que o esporte não é um território de livre circulação das mulheres.

O esporte se caracteriza como um domínio da vida social e que contribui ativamente para a constituição do conceito de gênero em outras esferas do cotidiano das pessoas. A participação das mulheres no esporte, segundo Silva *et al.* (2020) tem estado em voga em diferentes contextos culturais, que evidenciam uma situação de desigualdade e assimetria em relação à participação dos homens nas várias funções e âmbitos de atuação, sobretudo, em se tratando de mulheres treinadoras identificam-se estudos que permitem categorizar alguns domínios explicativos da sua sub-representação: estrutural, organizacional e análise relacional.

Homens ocupam predominantemente os cargos técnico principal mesmo no campeonato brasileiro de futebol feminino; sendo a maior inserção das mulheres no cargo de auxiliar técnica, mesmo o gênero (feminino) sendo subterfúgio para colocar mulheres em condição inferior nas relações de poder, no esporte, sobretudo no futebol, que se mostra conveniente para produção da hegemonia masculina (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Além disso, o preconceito, o subjugamento das habilidades em comparação com o desempenho masculino, a falta de valorização, de reconhecimento e de investimento, foram - e ainda são - impedimentos para a prática de futsal por mulheres (MASCARIN; OLIVEIRA; MARQUES, 2017). Esse contexto de dominação masculina no esporte contribui para a perpetuação das desigualdades entre homens e mulheres e se configura com uma barreira que dificulta, principalmente, o acesso de mulheres a posições de poder e tomada de decisão no esporte (COAKLEY, 2017).

Sendo assim, é possível considerar que ser uma mulher que trabalha como treinadora esportiva encontra dificuldades que permeiam a atuação, sendo necessário identificar quais dessas nuances podem ser trabalhadas individualmente e quais são decorrentes da própria profissão. Ainda assim, Novais (2021) denuncia que o acesso, e permanência no cargo das treinadoras, é fruto da dedicação ao trabalho e constante evolução, não medindo esforços nessa direção.

Considerando que as disparidades decorrentes do gênero no setor esportivo proveniente de sua estrutura patriarcal que se apresenta como um espaço de hegemonia masculina. Assim, as práticas e relações dominantes constituintes da função de treinadora decorrem de normas e valores culturais determinados, sobretudo, pelas concepções de homens, restringindo a possibilidade de as mulheres modificarem e/ou adaptarem tanto o acesso quanto a execução desta prática, a fim de se desenvolver e emancipar, enquanto, gestora de uma equipe.

Nesse prisma, sabendo que há uma baixa representatividade de mulheres ocupando a função de treinadoras em diversas modalidades esportivas, e reconhecendo o futsal como uma prática esportiva de reserva masculina, este estudo justifica-se em produzir reflexões que auxiliem a compreensão da atuação de mulheres como treinadoras de futsal.

Para tanto, o ponto focal do presente estudo centra-se em identificar as estratégias desenvolvidas pelas mulheres para desafiar os constrangimentos culturais, estruturais e individuais que enfrentam quando atuam na função de treinadoras na modalidade futsal, analisando como as mulheres negociam com a hegemonia masculina nessa função através de atitudes individuais e coletivas que incorporam essa hegemonia ou, ao contrário, que a contrariam e a ela resistem. Refletindo sobre os significados e práticas das treinadoras, no que diz respeito ao efeito de gênero, relevando sobretudo duas dimensões: a do empoderamento e da discriminação.

2. Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como do tipo descritiva sendo quantitativa no que concerne à caracterização das treinadoras envolvidas, e se orientará a partir da abordagem qualitativa baseada em entrevistas. Para Minayo (2009), a entrevista é a estratégia mais usada na realização do trabalho campo e, portanto, todos os registros devem ser tratados *ips litteris*, neste caso, através da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). A amostra do presente estudo foi composta por cinco treinadoras atuantes na modalidade futsal em competições promovidas pela Federação Paranaense de Futsal na categoria profissional. As entrevistadas têm 38 ± 8 anos de idade, com 18 ± 6 anos de profissão, sendo todas com graduação em Educação Física, e, quatro delas com especialização em futebol/futsal, além do fato de três terem atuado como árbitras.

As entrevistas foram divididas em duas etapas: A primeira serviu para identificar as características sociodemográficas das treinadoras conforme supracitado; enquanto a segunda se deu a partir de um roteiro de entrevista, composto pelos seguintes tópicos: a trajetória esportiva de cada treinadora; a forma de acesso ao cargo; o cotidiano e aspectos do relacionamento com atletas, gestores e instituição; as dificuldades encontradas na atuação; a percepção de cada uma sobre as razões de sua permanência na carreira e sobre a baixa representatividade de mulheres como treinadoras no Paraná e/ou Brasil.

Na descrição das participantes do estudo, foram utilizadas estatísticas descritivas das variáveis selecionadas com medidas de tendência central (média e desvio padrão) e tabelas de distribuição de frequência, a fim de desenvolver um indicador capaz de atestar as diferenças entre as realidades delas.

A análise dos dados qualitativos se deu através da análise de conteúdo (AC), das entrevistas realizadas que foram gravadas e transcritas literalmente para posterior realização da análise de conteúdo, a partir categoria "melhorias nas condições de vida" advindas das falas dos sujeitos, sempre buscando alcançar os aspectos relacionados à pesquisa. Sobre a metodologia adotada de Análise de Conteúdo segundo Bardin se trata de:

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores que permitam inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 42).

Este método de pesquisa exige do pesquisador uma clara definição dos seus objetivos a fim de delimitar o campo em que se realizará a interpretação dos relatos dos entrevistados. Bardin (1977) sugere uma sequência de procedimentos para a organização da análise de conteúdo, sintetizada no quadro abaixo:

Pré análise	Consiste na escolha das informações que serão submetidas à análise; formulação de hipóteses preliminares e de objetivos para o tratamento do material; e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.
Exploração do material	Realização de operações de enumeração, com base em regras pré-determinadas. É feita através da seleção de unidades de significado no texto que, após estas operações, constituem-se em unidades de registro, numeradas numa ordem tal, que se possa retornar ao texto original, caso necessário. As unidades de registro (UR), são o elemento unitário do conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação.
Categorização	As unidades de registro são organizadas em categorias mais amplas, segundo critérios de similaridade de conteúdos ou temas. Tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos da entrevista. Ocorre uma desconstrução do texto, para reconstruí-lo analiticamente em categorias.

Fonte: elaboração própria

O primeiro contato com as treinadoras foi realizado para apresentação da pesquisa, convite e agendamento para coleta de dados. A participação delas se deu de forma voluntária, mediante assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido nos quais, constaram informações sobre os procedimentos de pesquisa, riscos e benefícios, além de, autorização para uso de gravador de áudio/vídeo. Além disso, foram adotados nomes fictícios, a fim de preservar a identidade das participantes de possíveis repercussões sobre suas declarações, ficando o entroncamento da seguinte forma: 1 – Ana; 2 – Maria; 3 – Marta; 4 – Caroline e, 5 – Helena.

3. Resultados e Discussão

Foram coletadas entrevistas das cinco mulheres registradas como técnicas na federação paranaense de futsal, cujas respostas estão organizadas em três frentes: inserção no esporte; formação acadêmica e; atuação profissional, estabelecendo assim, a caracterização destas profissionais enquanto comandantes de suas equipes.

Na escolha do ingresso na atividade profissional de treinador, é crucial entender alguns fatores fundamentais, principalmente os relacionados com os processos e interações anteriores que influenciaram esta opção de carreira (CARNIEL *et al.*, 2023). Partindo dessa concepção, entender como se desenvolve a inserção de mulheres na modalidade, pode nortear a discussão de como se formam as treinadoras.

Nesse prisma, percebe-se que as entrevistadas praticaram o futsal desde cedo, com influência de familiares que praticavam e acabaram incentivando as mesmas, apesar de apresentarem preocupações com as relações sociais e o preconceito proveniente de um ambiente altamente masculinizado. “Minha relação com esporte vem desde muito cedo, meu pai jogava futebol amador e eu sempre o acompanhava nos jogos” comenta Ana, que é corroborada por Maria que afirma “minha relação com esporte começou aos três anos de idade aproximadamente. Meus pais participavam de Jogos Abertos do interior de São Paulo jogando basquete e Futsal e eu acompanhava. Joguei nos campinhos de terra com meus irmãos e primos”. Indo ao encontro da pesquisa de Lo (2020), que aborda o futsal como conteúdo a ser trabalhado nas aulas com a prática de meninas e as discussões de gênero existentes, parte das estudantes participantes, tiveram apoio de seus pais, bem como a inserção das estudantes no futsal se dava pela influência de suas amigas.

A partir da vivência familiar, é comum nas falas das entrevistadas, perceber a prática formalizada enquanto atletas juvenis e universitárias como precursoras na compreensão de organização e estrutura esportiva, “na Universidade (UEL) participei

de Jogos Universitários no basquete, natação e judô, nesse mesmo período comecei a formar uma equipe de Futsal inicialmente para lazer com as colegas de curso e depois na década de 90 começamos a participar de torneios”. Nesta socialização, a aprendizagem das treinadoras advém de dois processos chamados de socialização primária e secundária (MOLETTA *et al.*, 2019). Onde a primária diz respeito à apreciação indireta, através do núcleo familiar, amigos, escola, entre outros; já a secundária atua de maneira mais formal onde há formação e inserção na prática laboral através do esporte, mesmo não sendo o futsal, e não necessariamente como técnica.

Isso fica claro nas afirmações de Helena e Caroline de como as relações que se desenvolvem enquanto aprendizes, oportunizaram a inserção profissional delas, onde “Em 2009, fui convidada a iniciar um trabalho de formação de base no Município, era atleta ainda e por ser uma das atletas mais próximas a secretaria de esportes aceitei o convite e estou até hoje a frente do futsal feminino” explica Helena.

“Na universidade meu professor de Handebol era um treinador renomado, campeão brasileiro e me convidou para trabalhar com ele na comissão técnica em 1987, tive experiências incríveis no Handebol de 1987 até 2001, participando de Pré-Olimpico para Barcelona 1992 e conquistando vários títulos. De 1993 em diante minha carreira no Handebol (como auxiliar técnica) aconteceu simultaneamente ao Futsal (como técnica) até 2001, depois fiquei somente no Futsal” (Caroline).

Contudo, embora, avanços tenham acontecido ao longo dos anos, e, existem diversas motivações para a permanência em modalidades como o futebol, quando se trata do futebol de mulheres, infelizmente ainda há muito preconceito (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016). Helena explica que sofreu muito com misoginia já que segundo ela “era complicado jogar, muitas pessoas associam a prática do futsal com as orientações sexuais e o fato de sermos mulheres”, acrescida de Maria que explica “como eu era a única menina jogando, eu não podia errar como os meninos que logo ouvia ‘vai brincar de boneca’ ou ‘vai lavar uma louça”.

A pesquisa de Oliveira (2019), que analisa a participação de meninas no futsal da educação física escolar, apresenta que 83% das entrevistadas do seu estudo dizem haver preconceito por meninas jogarem futsal, sendo que 65% já sofreram algum tipo de constrangimento no ambiente escolar, ou seja, 18% presenciaram algum tipo de preconceito, porém não foi a “vítima”. Salvini e Marchi Júnior (2016) identificaram o mesmo problema, onde as jogadoras entrevistadas pelos autores afirmam “[...] acho que todas as meninas que jogam já sofreram ou sofrem algum tipo de preconceito” muitas vezes de uma forma velada “[...] ah você joga futebol? Que legal, mas é diferente né? Achei que só homem jogava” (Salvini; Marchi Júnior, 2016, p. 304).

Entretanto, isso não se tornou empecilho para que as treinadoras se firmassem na profissão, “todo início sempre difícil, ainda mais se tratando do futsal feminino, você se desdobra pra conseguir o que pro masculino é tudo mais fácil, mas seguimos sempre em busca do melhor pra todos nós, nossa luta é incansável” (Ana). “No Futsal iniciei em 1993, sendo o início bastante difícil pela falta de apoio e por ser mulher tinha muitas barreiras, em 1995 assumi como treinadora de futsal masculino e disputei Paranaense Série Ouro” (Marta). Porém, como em toda profissão, para se inserir no mercado, foi preponderante a busca por capacitação acadêmica e profissional até estarem prontas para exercer a liderança da equipe.

“Iniciei em exercendo outras funções dentro da equipe, até que o treinador pediu para sair véspera de um Jogos Regionais que erámos sede e o Secretaria me convidou para assumir no primeiro momento a equipe de futsal e na sequência a de futebol de campo” (Ana).

Não são apenas as suas circunstâncias, oportunidades e experiências ao longo da vida que permitem que o treinador alcance patamares de atividade profissional que o permitam situar-se ao nível da excelência (CARNIEL *et al.*, 2023). Essas oportunidades são criadas muitas vezes combinadas com outras ações

[...] “Contribui para a realização do 1º campeonato Paranaense de Futsal pela Federação em 1992, a partir de 1993 me tornei treinadora de Futsal feminino até início de 2010 até hoje. Fui treinadora de Futsal masculino em 1996 e disputei a Série Ouro. Fui seleção Brasileira de Handebol em 1991-1992 e de Futsal em 2001 e 2005” (Caroline).

Após se estabelecer como treinadoras, começam outras adversidades, não mais relacionadas ao seu conhecimento sobre a modalidade, mas, a capacidade de gerir um grupo que envolve não apenas os atletas, mas, todo um staff que vai do faxineiro ao presidente do clube, além dos personagens externos (adversários, árbitros, organizadores dos eventos e torcida) que por muitas vezes não acompanham o dia a dia da equipe e, portanto, não tem ciência das capacidades destas mulheres. Caroline que além de treinadora, é professora universitária, afirma que “minha relação com torcida sempre foi muito próxima, muitos alunos acompanhavam a equipe por eu ser docente da Universidade. Com gestores, muito tranquila. Com os árbitros, nem tanto, sempre cobrei muito da arbitragem”.

“Quanto a isso acredito que tudo normal, "brigamos" sim, mas pelo melhor das nossas atletas e pelo futsal, sempre procurei ver o lado de ambas as partes antes de tomar qualquer decisão, existe sim aquela coisa que por sermos mulheres os árbitros terem atitudes machistas, preconceituosas e que se acham no direito de se impor algumas situações, e isso infelizmente acontece e muito” (Marta)

Segundo Almeida-Silva e Ribeiro (2022) isso se explica porque a relação da sociedade e do futebol/futsal de mulheres ainda se encontra em conflito, tendo o machismo, a misoginia, a invisibilidade e a falta de conhecimento. “Acredito que a falta de apoio e incentivo, hoje ainda são umas das principais dificuldades que nós encontramos, tudo é difícil quanto se trata do futsal feminino, desde um patrocínio até um jogo de uniforme sem contar nas questões de transporte, alimentação” (Helena).

Apesar disso, ainda há muita expectativa pela modalidade e sua ascensão. Ao que as entrevistadas apontam que visam “construir um legado não só de bons resultados nos locais onde passar, mas também de desenvolvimento humano com as atletas de rendimento” (Ana) para que “um dia nos possamos ver essa modalidade que tanto cresce no nosso estado, tendo o mesmo reconhecimento e valorização de nossas atletas como o masculino” (Maria). Cabe ressaltar que é a única modalidade com treinadoras mulheres na elite do estado, seja entre equipes masculinas e/ou femininas, estando assim, a frente das demais modalidades no que concerne à inclusão da mulher como líder de equipe.

4. Considerações Finais

Visando elucidar como se dá o desenvolvimento de treinadoras de futsal no estado do Paraná, é possível perceber que antes mesmo de ser treinadoras, é necessário que se aumente o número de meninas praticantes da modalidade para que se desperte o interesse por ela. Além disso, essa inserção desperta a necessidade de uma formação acadêmica e conseqüentemente se apresenta como oportunidade de inclusão na prática laboral que esporte promove.

Outro ponto importante de se destacar é que ainda existe muito preconceito tanto com atletas quanto com as treinadoras envolvidas, seja ele direto ou velado. Em contrapartida, há muita resiliência entre as mesmas ratificadas pelo grupo que se amplia cada vez mais, e se torna cada vez mais homogêneo e atrativo para promover o futsal enquanto modalidade a ser praticada indiferente do gênero de quem o faz.

Por fim, as relações entre as diferentes personagens que envolvem a prática laboral das treinadoras paranaenses têm se equilibrado, onde torcida, gestores, adversários e árbitros apresentam cada vez mais respeito pela atuação da mulher à beira da quadra e durante a gestão da equipe.

Referências

ALMEIDA SILVA, Gustavo Henrique; RIBEIRO, Victor Barbosa. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 38, 2023.

BALARDIN, Georgia Fernandes *et al.* The female football in Brazil and United States of America: differences and similarities in the sport. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 36, p. 101-110, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORGES, C.N.F; LOPES, S.M; ALVES; C.A. Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino. **Movimento**, v.12, n. 01, p. 105-131, 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro. Bestbolso, 2017.

BRASIL. Constituição da república federativa do Brasil. Art. 7, inc. XXII 1988.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.

CARNIEL, Eduardo Krolow *et al.* Treinadores de futsal brasileiros de elite: aspectos influenciadores da escolha da profissão e da construção da competência profissional. **Movimento**, v. 29, p. e29036, 2023.

COACKEY, J. **Sports in society: issues and controversies**. 12th Ed. New York, McGraw-Hill, 2017.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista de Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

FERREIRA, H. J. *et al.* Barriers faced by brazilian female coaches. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.31, n.2, p.479-488, 2017.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v.19, n.3, p.103-124, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista Usp**, n. 117, p. 31-38, 2018.

HAAG, Fernanda Ribeiro. “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 142-160, 2018.

LO, Caio Moreira de Matos. **Futsal e gênero na educação física escolar**: um estudo bibliográfico. 2020. Disponível em: <http://131.0.244.66:8082/jspui/handle/123456789/1847> Acesso em: 16 fev. 2023.

MACHIDA, M.; FELTZ, D.L. Estudando o avanço na carreira das mulheres coaches: Os papéis de líder autoeficácia. **International Journal of Coaching Science**, v. 7, n. 2, p.53-71, 2013.

MANERA, D. M. S.; CARVALHO, M. M. **Relatório anual da discriminação racial no futebol** - 2017. Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2018.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatório del Esporte**, v.1, p.147-185, 2015.

MASCARIN, R. B.; VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. Brazilian women elite futsal players: career development: diversified experiences and late sport specialization. **Motriz**, v. 25, p. e101968, 2019.

MINAYO, M. C. de S. **Trabalho de campo**: contexto de observação, interação e descoberta. In. MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. GOMES, R. (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NOVAIS, M. C. B. *et al.* Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. **Movimento**, v. 27, 2021.

SALVINI, L.; MARCHI JR., W. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p.303-311, 2016.

SILVA, Michel Francklin. **Futebol feminino no Brasil face a um cenário esportivo dominado por homens**. [Monografia] Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2021.



SILVA, Paula *et al.* Estratégias de resistência e empoderamento de treinadoras portuguesas. **Journal of Physical Education**, v. 31, 2020.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**. v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.